

RESENHA/REVIEW

PESSANHA, Eurize Caldas. *Meio Século em Sala de Aula: história de pessoas, de cultura escolar e de currículo*. Campo Grande: Editora Oeste, 2015.188 p.

Tânia Regina ZIMMERMANN¹

A autoria da obra “Meio Século em Sala de Aula: história de pessoas, de cultura escolar e de currículo” é da professora pesquisadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, com atuação na graduação do Curso de Pedagogia e no Programa de pós-graduação em Educação. Realizou seus estágios de pós-doutorado, como bolsista da CAPES, no Departamento de *Curriculum and Instruction* na Universidade de Wisconsin - Madison, em 1999 e, em 2010, o pós-doutorado na *Texas A&M University em College Station*, Texas, Estados Unidos. Também é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

O alento a aspectos da história da educação no Mato Grosso do Sul e suas experiências profissionais são o principal mote da autora nesta obra. No entanto, sua narrativa da experiência vivida perpassa a sala de aula e contorna as questões de formação dos professores, da pesquisa na

área e as instituições escolares bem como tece um panorama da educação brasileira.

Nos recônditos da memória, a autora inicia com sua experiência no Rio de Janeiro, no Liceu de Humanidades de Campos (Goytacazes) e percorre suas atuações na graduação do curso de Pedagogia e nos Programas de Pós-graduação, sua produção científica, seus estágios de pós-doutoramento nos Estados Unidos. Por fim, perpassa a organização e consolidação de grupos de pesquisa, participação e assessoramento em Comitês da Capes bem como em outras atividades das quais munuiu-nos de olhares competentes pautados no percurso do vivido.

No conjunto, a obra de Pessanha prima por representar os espaços de memória por meio de uma farta documentação histórica. Quando se propõe aos estudos da cultura escolar, a memória configura-se num lócus privilegiado de análise. Percebe-se na obra que a cultura escolar não representa apenas os processos de recepção das políticas educacionais e sim uma modalidade de conduta política e de intervenção social. Nesse sentido, a história torna-se a referência para entender essa cultura, pois a mesma não pode ser estudada sem a análise das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, em cada momento histórico.

A história de vida também se inscreve nesse processo de transmissão de padrões culturais e sociais e para tanto há um

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no curso de História e no Mestrado em Educação e Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos. E-mail: taniazimmermann@gmail.com

conjunto de significações historicamente transmitido e inscrito em símbolos, por meio dos quais as pessoas se comunicam, transmitem e desenvolvem seu saber sobre a vida e suas atitudes diante dela. Símbolos estes expressos pela autora na vasta documentação de fontes por ela apresentadas na obra como a imagem pessoal no Liceu, o edifício do Liceu de Humanidades de Campos, históricos escolares, diplomas, gravata do uniforme com assinatura de colegas, diplomas escolares, certificados de frequência, formandas do Curso Normal, caderno de recordações, convite para formatura, fotos de formaturas, certificados dos cursos de formação profissional, cadernos de campo, imagem das obras de sua autoria, de contratos de trabalho e de nomeação para o exercício profissional. Além disso, foi guardiã de registros dos eventos escolares, da aprovação em concurso público e, por fim nomeia as orientações acadêmicas, as publicações de livros e artigos, as atividades de extensão, assessorias e consultorias.

Assim sendo, nesta obra Pessanha nos oportuniza um conjunto de documentações que levam à descoberta de inúmeras vivências/experiências profissionais em suas práticas inventivas e criativas, em suas práticas formativas e profissionais. Com isso, propõe-se também uma reflexão sobre a cultura escolar em nosso cotidiano cujas representações do passado povoam as práticas discursivas

circundantes. Essa vasta documentação revela um campo de possibilidades de estudos, os quais se desdobram na possibilidade de uso de inúmeras categorias analíticas como a cultura escolar, formação docente, práticas culturais, questões identitárias, a experiência, a disseminação do sujeito e o papel das subjetividades na formação e prática docente.

Convém observar que a escrita de si foi por muito negado às mulheres, inclusive os relatos biográficos e as histórias de vida. Conforme nos afora Michelle Perrot, as mulheres têm destaque como guardiãs da memória com sua enorme habilidade para guardar os objetos pessoais, conservar e transmitir as histórias vividas e pelas suas capacidades de tecer redes de relações. Para Michelle Perrot [...], “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória.”¹ A autora considera que o feminismo teve destaque ao desenvolver interrogações sobre a vida das mulheres obscuras. Para torná-las visíveis foi preciso acumular dados, instituir lugares de memória e, na falta de testemunhos escritos, a recente história oral foi de certo modo uma revanche das mulheres. Esta obra de Pessanha superou essas barreiras de outrora.

Essas narrativas de Pessanha permitem perceber a especificidade do funcionamento

da memória das mulheres. Medeiros e Zimmermann questionam: Existe, no fundo, uma diferença? “Não, sem dúvida, se trata de ancorá-las numa inencontrável natureza e no biológico.” Porém, positavam se observarmos “[...] as práticas sócio-culturais presentes na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa – está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história.” ²

O conjunto de memórias nesta obra de Pessanha incumbiu-se de inquietar a pesquisa em educação, bem como os processos de subjetivação com diferentes fontes, recortes espaciais e períodos históricos. Mas todos eles se amarram ao tecer suas narrativas através da experiência e da escrita de forma contextualizada. Para essa narrativa foi necessário operar com código de linguagem via a memória individual tentando rastrear diferentes espectros simbólicos, ou não, de uma cultura, a fim de que a experiência de vida surja como um índice referencial de um universo, de uma estrutura social e de uma cultura, ou seja, um conjunto coerente de experiências de um sujeito histórico.

¹PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p.15.

²MEDEIROS, Márcia M.; ZIMMERMANN, Tânia R. *Revista de História Regional*. Biografia e Gênero: repensando o feminino. 9(1): 31-44, Verão 2004.

Recebido em: 7 de março de 2017

Aceito em: 13 de março de 2017